



Saberes associados à agrobiodiversidade no Assentamento Pequeno Willian, DF

Knowledge associated with agrobiodiversity in the settlement Little Willian, DF

PEREIRA, Jéssica Rodrigues¹; TAVARES, Patrícia Dias²

¹Instituto Federal de Brasília – IFB/Campus Planaltina, rodriguesjessicapereira@hotmail.com;

²Instituto Federal de Goiás – IFG, padiastavares@gmail.com

Eixo temático: Biodiversidade e Bens Comuns dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: Este estudo foi desenvolvido no assentamento Pequeno Willian, em Planaltina-DF. Foram identificados os saberes associados ao manejo da biodiversidade local junto aos/às agricultores/as. Para o desenvolvimento da pesquisa foi adotada a metodologia da pesquisa-ação, com ferramentas participativas para a sistematização do trabalho de campo. A partir do levantamento realizado com cinco famílias do assentamento, pôde-se identificar a diversidade de espécies manejadas que os assentados possuem em comum, como: árvores frutíferas (mamão, banana, acerola, abacate, etc), ervas medicinais (hortelã, capim santo, manjeriço, etc), hortaliças (alface, cenoura, beterraba, etc) e as árvores frutíferas do Cerrado (pequi, cagaita, jatobá, araticum, etc). A manutenção da agrobiodiversidade pelas famílias contribui para a valorização sociocultural, conservação da biodiversidade, a segurança alimentar e o fortalecimento de uma agricultura de base ecológica.

Palavras-Chave: Biodiversidade; Sócio-ecologia; Sabedoria tradicional; Assentamentos de reforma agrária.

Keywords: Biodiversity; Socio-ecology; Traditional wisdom; Land reform settlements.

Introdução

A conservação da biodiversidade e dos serviços ecológicos associados garante a manutenção das funções ecossistêmicas, tanto nos ecossistemas naturais quanto nos agroecossistemas (Altieri, 2004). Tal conservação pode se dar a partir dos sistemas socioecológicos desenvolvidos pela diversidade cultural de grupos, povos e comunidades que habitam áreas rurais.

A variação da riqueza da agrobiodiversidade encontrada nos sistemas produtivos e na vegetação nativa dos ecossistemas são resultados das variações ambientais e socioculturais do local onde estão inseridos. Tanto as espécies nativas, como espécies cultivadas que compõem a agrobiodiversidade manejada por essas populações favorecem a manutenção da viabilidade ecológica, conservação de sua variabilidade genética e a produção de alimentos (Almada *et al*, 2017).

Entretanto a perda de habitat de alguns ecossistemas está causando o desaparecimento de espécies nativas, como por exemplo, no bioma Cerrado. No Cerrado há a disponibilidade de frutos e outros recursos da biodiversidade que podem ser utilizados como alimentos. No entanto vivemos a destruição eminente desse bioma, segundo Silva (2016, p.1) “o bioma ainda possui cerca de 54% de sua



cobertura vegetal nativa, com aproximadamente 41% desmatados e ocupados pela agropecuária, sendo mais da metade (29,5%) por pastagens plantadas”. Além da perda da biodiversidade do Cerrado, também ocorre à perda das práticas socioculturais das comunidades rurais que vivem nestas áreas (Silva & Egito, 2005). Para Toledo & Barrera-Barrols (2015) a sabedoria dos/as camponeses/as são adquiridas através da experiência cotidiana e da forma de viver e ver o mundo, sendo importante ser mantida e fortalecida. A matriz sociocultural das populações que habitam essas áreas é fundamental para conservação e incremento da biodiversidade.

Os assentamentos rurais de reforma agrária inseridos no Cerrado apresentam grande potencial para o desenvolvimento da agricultura ecológica, fundamentada nos princípios da agroecologia. Essa abordagem deve ser fundamentada no aumento da agrobiodiversidade, que permite o desenvolvimento de uma agricultura adaptada ao ecossistema local. Nesse contexto esse trabalho teve como objetivo geral identificar saberes dos agricultores/as associados ao uso da biodiversidade para fins produtivos e de geração de renda.

Metodologia

O estudo foi realizado no assentamento Pequeno Willian, localizado há 10 km da cidade de Planaltina-DF, área urbana mais próxima. Esse assentamento foi implantado após aproximadamente seis anos de acampamento, por meio da luta pela reforma agrária organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Atualmente a comunidade está organizada em cinco núcleos, com um total de 22 famílias. Cada família possui cerca de 5 ha, desenvolvendo sistemas produtivos de bases agroecológicas, respeitando o acordo coletivo da comunidade da área destinada a reserva legal.

Utilizamos a abordagem metodológica da pesquisa-ação, metodologia oriunda das ciências sociais, pensada como uma ação social, na qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo integrativo e dinâmico (Brandão, 2015). Houve um preparo para a realização das oficinas de campo, nesse primeiro momento foi realizado um encontro na comunidade para a apresentação e construção coletiva da pesquisa junto com as famílias agricultoras.

Para a sistematização desse estudo foram selecionadas cinco famílias do assentamento. A escolha das famílias se deu respeitando a representatividade dos núcleos comunitários, bem como a abertura para a realização do estudo. Para o levantamento das informações foram realizadas oficinas de campo com cada uma das famílias. Para facilitar a organização das informações foram utilizadas algumas ferramentas de metodologias participativas para o levantamento da agrobiodiversidade, propostas por De Boef & Thijssen (2007), como: gráfico histórico



da comunidade; caminhada na unidade produtiva e desenho do mapa, as metodologias facilitaram o registro da lógica de ocupação do lote, as estratégias de manejo desenvolvidas bem como os saberes das famílias associados à agrobiodiversidade.

Resultados e Discussão

Verificou-se uma alta diversidade (150 espécies) de plantas cultivadas e/ou manejadas. Entre as espécies levantadas 80% são exóticas. Os agricultores/as possuem em comum os cultivos de hortaliças como, couve manteiga (*Brassica oleracea L. var. acephala*), alface (*Lactuca sativa L.*), frutíferas como banana (*Musa spp.*), abacate (*Persea americana*), entre outras. As árvores nativas mais conhecidas e utilizadas para extrativismo sustentável dos frutos são pequi (*Caryocar brasiliense*), cagaita (*Eugenia dysenterica*), jatobá (*Hymenaea courbaril L.*) e baru (*Dipteryx alata*). As espécies medicinais mais cultivadas pelas famílias são canela (*Cinnamomum verum*), hortelã (*Mentha sp.*) e alecrim (*Rosmarinus officinalis L.*). Foram identificadas espécies espontâneas que os agricultores/as usam como indicadores de qualidade do solo, essas plantas são indicadores biológicos que refletem o status do solo e plantas espontâneas consideradas como alimentícias, entre elas o picão (*Bidens pilosa L.*), ora-pro-nóbis (*Pereskia aculeata*) e beldroega (*Portulaca oleracea L.*). A maior parte das plantas cultivadas pelos agricultores/as são mantidas em seus lotes através da produção de mudas e sementes. As origens das espécies são diversas, muitos relatam que receberam ou trocaram com outras pessoas, alguns assentados/as relataram ter conseguido sementes em viagens, algumas são de seus estados de origem. Essa diversidade de origens das variedades mostra a reprodução, reconstrução e representatividade das práticas agrícolas praticadas pelas famílias em etapas anteriores da vida, podendo influenciar no manejo da biodiversidade na área atual (Gavioli, 2012).

As histórias de vida das cinco famílias apontam elementos que ajudam na construção dos saberes sobre a agrobiodiversidade, como: a) a troca de recursos genéticos através das sementes e mudas e a partilha do saber associado; b) o interesse em aprender e usar os recursos do bioma; c) os saberes dos assentados/as contribuem para a sociobiodiversidade da área onde residem, o que fortalece as estratégias de soberania alimentar.

Os cultivos realizados pelos assentados/as são feitos em sistemas de consórcios e policultivos que podem ser considerados uma forma de desenvolvimento do manejo agroecológico. Em relação ao manejo, os assentados relataram que utilizam plantas espontâneas ou cultivam algumas espécies para adubação como o margaridão (*Tithonia diversifolia*) e a gliricídia (*Gliricidia sepium*). Às vezes recebem doações de adubos e alguns utilizam esterco dos animais de criação para adubação.

Dentre as espécies nativas medicinais que as famílias utilizam destaca-se o pau doce (*Vochysia rufa*), sucupira (*Pterodon emarginatus*), pau terra (*Qualea grandiflora*), entre outras. As famílias apresentaram conhecimentos construídos a



partir da observação, cursos e experimentação, que gera um saber ecológico que é materializado em suas práticas cotidianas (Pereira, *et al* 2012). No entanto, ainda possuem uma limitação no uso dos recursos naturais disponíveis no Cerrado, onde as famílias ainda exploram pouco a biodiversidade local.

Todas as famílias possuem sistemas produtivos para autoconsumo e venda, com uma diversidade de cultivos ao longo do ano, uma das características da agricultura camponesa, que contribui para a segurança alimentar, com a renda dos agricultores familiares, preservação da agrobiodiversidade e estabilidade do sistema agroecológico como um todo (Oklay, 2004; Carneiro *et al*, 2013).

Conclusões

Entre as famílias estudadas, verificou-se uma diversidade de espécies de plantas, como: árvores frutíferas exóticas e nativas, ornamentais, hortaliças e espontâneas. Esses espaços manejados apresentam a manutenção de uma rica diversidade biológica e cultural, demonstrando-se verdadeiros patrimônios bioculturais. Contudo, os dados levantados no assentamento Pequeno Willian-DF indicam a necessidade continuada de estudos sobre os saberes ecológicos dos assentamentos de reforma agrária, assim como a agricultura familiar no geral. O entendimento de como se dá o manejo da agrobiodiversidade pelos agricultores familiares pode ajudar na sistematização das várias estratégias de manejo produtivo, bem como no desenvolvimento de tecnologias que se relacionem com a diversidade de espécies cultivadas, facilitando a territorialização das famílias, respeitando o significado cultural e simbólico de seus saberes.

Referências bibliográficas

ALMADA, E.D; SOUZA. M.O e. (organizadores). **Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural**. Belo Horizonte: EdUEMG, 2017. 191p.: il. tab. gráf.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. p 26. – 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BRANDÃO, C.R.; BORGES, M.C. **A pesquisa participante: um momento de educação popular**. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 6, p.51-62. jan./dez. 2007.

CARNEIRO, M.G.R. et al. **Quintais Produtivos: Contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável local na perspectiva da agricultura familiar (O caso do Assentamento Alegre, município de Quixeramobim/CE)**. Rev.Bras.de Agroecologia. 8(2): 135-147. 2013.

DE BOEF, W.S. **Ferramentas participativas no trabalho com cultivos, variedades e sementes**. Um guia para profissionais que trabalham com abordagens participativas no manejo da agrobiodiversidade, no melhoramento de cultivos e no

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



desenvolvimento do setor de sementes. Wageningen, Wageningen International, 87 pp. 2007.

GAVIOLI, F.R. **Agrobiodiversidade e manejo de recursos locais no assentamento rural Monte Alegre, SP, Brasil.** REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, Araraquara, v. 5, n. 1, jul/dez. 2012.

OKLAY, E. **Quintais Domésticos:** uma responsabilidade cultural. Agriculturas, v. 1, n. 1, p. 37-39, 2004.

PEREIRA, Z.V. et al. **Usos múltiplos de espécies nativas do bioma Cerrado no Assentamento Lagoa Grande, Dourados, Mato Grosso do Sul.** Rev. Bras. de Agroecologia. 7(2): 126-136 (2012).

SILVA, D.R da. **Inventário florestal participativo no assentamento Pequeno Willian, Planaltina – DF.** p 4. Monografia (Engenharia Florestal). UnB, Brasília. 38 p. 2016.

SILVA, A. K da.; EGITO, M do. **Rede de Comercialização Solidária de Agricultores Familiares e Extrativistas do Cerrado:** um novo protagonismo social. Agriculturas - v. 2 - no 2 - junho de 2005.

TOLEDO, Víctor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural:** a importância ecológica das sabedorias tradicionais. Editora Expressão Popular, 2015.